

A teoria Instrumentalista e a divulgação de pesquisa da CNT sobre Black Blocs no Portal UOL¹

Adriana Carolina da Silva MIOTTO²

Indiara FERREIRA³

Universidade de Uberaba, Uberaba, MG

RESUMO

Com o aumento da tarifa de ônibus, durante o segundo semestre de 2013, surgiu uma grande onda de manifestações em todo o Brasil. Dentre os manifestantes, os Black Blocs. A tática anarquista nunca havia sido vista no país. Desde então, o tratamento da imprensa com esses manifestantes tem sido bem específico e a influência da mídia em relação ao pensamento em torno dessa prática é notável. A partir de pesquisa DA CNT, publicada em reportagem do pelo Portal UOL, analisou-se, segundo a Teoria Instrumentalista do Jornalismo, sinais da manipulação da informação e suas violências.

PALAVRAS-CHAVE: Black blocs; Portal Uol; teoria Instrumentalista; tecnologias da informação e comunicação; cidadania.

INTRODUÇÃO

Este paper é fruto dos trabalhos desenvolvidos no Núcleo de Pesquisa em Novas Teorias da Comunicação, da Universidade de Uberaba, (NUPENTEC/UNIUBE), na linha de estudo e pesquisa de Biocomunicação, que visa discutir processos comunicacionais e tratar de temas que discutam a sobrevivência humana e suas relações.

A revolta da população perante inflação das tarifas de ônibus, em junho de 2013 gerou, uma série de manifestações que se prolongaram por todo o segundo semestre daquele ano. Foi um grande marco para a história brasileira e milhares de manifestantes saíram às ruas para reivindicar não apenas a diminuição da tarifa de ônibus, mas também outros assuntos que entraram em pauta, como o fim da corrupção e melhores condições de saúde e educação. Surgiram, nesses movimentos, manifestantes que integravam a tática Black Bloc. Segundo o cientista político francês Dupuis-Déri (2014), são indivíduos anarquistas, anticapitalistas, conhecidos por irem a protestos vestidos de preto e com os rostos cobertos. Vez ou outra usam da força para mostrar críticas radicais.

¹ Trabalho apresentado no IJ07 – Jornalismo do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 17 a 19 de junho de 2016, em Salto (SP)

² Estudante do 5º período de Jornalismo da Uniube, integrante Nupentec/Uniube – Biocomunicação. E-mail: dricamiotto@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do curso de Jornalismo da Uniube. Mestre em Educação (Uniube), especialista em Arte e Criatividade, também em Tecnologias Midiáticas (Unifran). Pesquisadora Fapemig. Integrante do Nupentec/Uniube - Biocomunicação. E-mail: indiara.ferreira@uniube.br

O objetivo desse trabalho foi analisar de que modo a publicação da reportagem “Brasileiros aprovam protestos, mas 93% rejeitam "black blocs", divulgada pelo Portal Universo Online (UOL), em 7 de novembro de 2013, contribui para reforçar violências. Como objetivos específicos, pretendeu-se contextualizar o Portal UOL, bem como as raízes da tática Black Bloc, seu surgimento e suas características no Brasil, descrevendo suas ações durante as manifestações, sob a ótica da Teoria Instrumentalista.

A metodologia se baseia nas pesquisas biográfica, documental e exploratória, segundo Gil (1991). Recorre-se aos estudos de Pena (2007), Traquina (2005), Dupuis-Déri (2014), Novaes (2014) e Solano (2014) e ao conteúdo da reportagem do Portal UOL, “Brasileiros aprovam protestos, mas 93% rejeitam "black blocs", publicada no dia 7 de novembro de 2014. Esse estudo visa ainda estabelecer um paralelo entre a análise da reportagem do Portal UOL e a Teoria Instrumentalista do Jornalismo, que, para Traquina (2005), consiste em apresentar o fato noticioso como instrumento para determinados interesses políticos.

Entende-se que esta análise torna-se importante na medida em que traz parâmetros para que professores, alunos e jornalistas reflitam sobre os impactos de suas ações na construção de textos jornalísticos, em especial, no ciberespaço.

2. OS BLACK BLOCS

Segundo Dupuis-Déri (2014), a tática Black Bloc surgiu em Berlim, na Alemanha Ocidental, nos anos 80, mas só depois da batalha de Seattle, em 1999, que a mídia começou a falar mais sobre esses manifestantes.

Como a tática dos Black Blocs migrou de Berlim Ocidental nos anos 1980 para Seattle em 1999? Os sociólogos Charles Tilly, Doug McAdam e Dieter Rucht, especialistas em movimentos sociais, mostram como repertórios de ações coletivas consideradas eficazes e legítimas para a defesa e a promoção de uma causa circulam entre períodos e lugares diferentes. Esses repertórios são transformados... e disseminados ao longo do tempo entre fronteiras de um movimento social para outro, segundo as expectativas dos militantes e as mudanças na esfera política. A tática dos Black Blocs se disseminou nos anos 1990, sobretudo através da contracultura punk e de extrema-esquerda ou ultraesquerda, via fanzines, turnês de bandas punks, e contatos pessoais entre ativistas em viagens (DUPUIS-DÉRI, 2014, p. 47-50).

Ainda para o autor, a tática possibilita que os indivíduos expressem sua visão de mundo e a rejeição radical ao sistema político e econômico. Os grupos de Black Blocs não possuem níveis hierárquicos, ou seja, não há líder nem subordinado. São ligados à tradição

política anarquista, que prega liberdade e igualdade. A maioria de seus encontros, em manifestações, é marcada via Internet, por redes sociais ou e-mails.

Dupuis-Déri (2014) deixa claro que o uso da força contra grandes empresas privadas e prédios do governo marca a visão da tática, ou seja, os adeptos almejam provocar reflexão na grande massa a partir de tais ações. A justificativa estaria no fato de que o Estado, as grandes empresas e as corporações exercem uma ação violenta muito maior na sociedade do que qualquer ação que um manifestante possa fazer.

A maioria das motivações expostas pelos adeptos do Black Bloc sobre as razões de sua presença nas ruas é extremamente parecida às dos manifestantes de junho: um sistema que destrói continuamente o cidadão, a falta de trato digno para a população, um contexto político supostamente corrupto e insensível às demandas sociais, a ausência de oportunidades... Um compêndio completo de desilusões, iguais para uns e para outros, se revelando de diferentes formas. (SOLANO, 2014, p. 60).

É comum ver jornais, revistas, matérias de televisão e rádio dizendo que a tática usa de violência gratuita para chamar atenção e que são apenas vândalos. Aliás, é mais fácil reproduzir o que está instituído como verdade - inclusive em nós, que reproduzimos o que foi aprendido na família, na escola e em outros grupos, do que investigar os motivos. “Segundo minhas próprias observações, é muito raro que os black blockers quebrem janelas de lojas pequenas por pura diversão. Em todo caso, é prudente investigar mais antes de concluir que houve violência gratuita” (DUPUIS-DÉRI, 2014, p. 99).

A tática Black Bloc teve maior destaque no Brasil durante as manifestações que se iniciaram em junho de 2013 e foram até meados de 2014, durante a Copa do Mundo.

Poucas pessoas no Brasil tinham conhecimento as origens da tática e sua ideologia. O contato com dados precisos e outros nem tanto veio depois que informações e fotos chamaram a atenção e circularam na internet.

Solano (2014) ressalta que jovens de classe média alta e jovens da periferia estavam entre os manifestantes que aderiram à tática Black Bloc. Para ele, a tática usou de ação direta, isto é, uma violência performática, com a intenção de provocar uma reação social e institucional. “A violência nasce da certeza de que os protestos pacíficos não geram resultado político efetivo nenhum e a descrença absoluta e firme nas instituições políticas do país” (SOLANO, 2014, p. 59).

Novaes (2014) entrevistou um dos adeptos da tática durante as manifestações no Brasil. O manifestante contou para o jornalista que a violência explícita o encantou. O poder de provocar o terror foi o único meio que encontrou, de imediato, para lutar contra o

que considerava errado. “A população dá mais valor para o bem material do que para uma pessoa. Então essa é a nossa tática, provocar debate por meio de quebradeira” (NOVAES, 2014, p. 196).

Ainda segundo o autor:

Esse, o medo, é um dos pontos principais, para entender o protagonismo que esses jovens conquistaram nos últimos meses. A espetacularização das manifestações na mídia e as ações diretas tornaram muito maior do que são os não mais do que setenta jovens paulistanos (NOVAES, 2014, p. 197).

O jornalista cita que o jovem costuma marcar suas ações com outros membros do Black Bloc por páginas de redes sociais e convoca reuniões de onde estiver, seja no ônibus, no trem ou nas folgas do trabalho. O manifestante explica para Novaes (2014, p. 200) o “fenômeno em razão da simplicidade e do retorno com a espetacularização das ações.”

Vimos que o estado é fraco estrategicamente, mas agora a coisa começou a apertar, então é hora de sumir, e quem sabe, voltar ao cenário como um advogado dos direitos humanos (NOVAES, 2014, p. 200).

3. OS BLACK BLOCS NO PORTAL UOL

Segundo dados exibidos pelo próprio UOL ([1999]), o portal é pioneiro na produção de conteúdo noticioso para internet brasileira, atuando desde 1996. São mais mais de 7,4 bilhões de páginas, vistas todos os meses, e a home page recebe mais de 50 milhões de visitantes únicos por mês. Ainda de acordo com o UOL ([1999]), a rede conta com mais de 400 parceiros, entre os quais estão a Folha de S. Paulo, Band, Discovery, ESPN, RedeTV e Jovem Pan.

O Portal UOL, atualmente, é dividido em 10 estações: Notícias, Economia, Esporte, Carros, Educação, Entretenimento, Jogos, Mulher, Viagem e Crianças. Suas plataformas de vídeo, rádio e interatividade são TV UOL, Rádio UOL e Bate-Papo UOL. Além disso, possui uma assinatura com produtos e serviços, assistência técnica e um clube de benefícios.

O objeto deste trabalho foi a reportagem, assinada por Fernanda Calgaro, intitulada “Brasileiros aprovam protestos, mas 93% rejeitam "black blocs", diz pesquisa”, publicada em 07 de novembro de 2013.

A matéria é composta de 23 linhas, divididas em cinco parágrafos, e é estruturada conforme a teoria da pirâmide deitada. Canavilhas (2005) defende que essa pirâmide é uma forma específica de se escrever para a web. É constituída pelo lead - respondendo o

essencial: o quê, quando, quem e onde e ainda pelo nível de explicação - completando informações, pelo nível de contextualização – em que são oferecidas mais informações em forma de vídeos ou infográfico e, por último, por último pelo nível de exploração - onde aparecem os hiperlinks, com arquivos externos.

Figura 1: Título da reportagem publicada no Portal UOL

Brasileiros aprovam protestos, mas 93% rejeitam "black blocs", diz pesquisa 106

Fernanda Calgaro
Do UOL, em Brasília 07/11/2013 | 12h14

Fonte: Portal Uol

Como o Portal UOL não possui manual de estilo disponível, adotaremos como referência para a análise editorial o Manual de Redação da Folha de S. Paulo, pois o Portal UOL pertence ao grupo Folha de Comunicação e, conforme mostra a própria história, toda sua trajetória deriva-se do impresso.

O Novo Manual de Redação da Folha de S. Paulo (1996) defende que os títulos são de extrema importância, pois grande parte dos leitores apenas os leem, ou seja, o título tem que seduzir o leitor para que este possa acompanhar a matéria até o ponto final. Entretanto, no caso dessa reportagem, se o leitor ler apenas o título, será levado a construir uma opinião equivocada. A pesquisa exposta na reportagem foi realizada pela Confederação Nacional dos Transportes (CNT), em parceria com o instituto de pesquisa MDA, porém foram entrevistadas apenas 2.005 pessoas, em 135 municípios. Para uma pesquisa que parece ter sido realizada em nível nacional, a amostra é muito pequena, não retrata a realidade, uma vez que o próprio UOL (2015), divulgou notícia dando conta que o país possui mais de 204 milhões de brasileiros conforme o senso do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), datada de 2014.

Figura 2: Foto e legenda da reportagem

Reinaldo Canato - 5.nov.2013/UOL



Pessoas vestidas como "black blocs" participam de mobilização pelo Dia Mundial de Guy Fawkes, na avenida Paulista, no último dia 5

Fonte: Portal Uol

A foto, abaixo do título, mostra manifestantes supostamente adeptos à tática Black Bloc, durante uma mobilização pelo Dia Mundial de Guy Fawkes, o soldado católico inglês, inspirador do personagem anarquista de gibi, denominado V, que teve uma adaptação cinematográfica no filme V de Vingança. O Novo Manual de Redação da Folha de S. Paulo (1996) esclarece que a foto editada em destaque, muitas vezes, assim como o título, é a única coisa que o leitor vê na página. Então, a foto está ilustrando e mostrando os Black Blocs apenas como aqueles que se escondem por trás de máscaras, que cobrem parte de seus rostos para não serem descobertos. A ênfase reforça que são rejeitados pela maior parte da população brasileira.

Se a foto e a legenda tiverem qualidade, o leitor poderá passar a dar atenção aos títulos e outros elementos da página. São qualidades essenciais do fotojornalismo o ineditismo, o impacto, a originalidade e a plasticidade. Em geral, a Folha não usa montagens fotográficas, fotos recortadas, invertidas, retocadas, ovais ou redondas.” (Manual da Folha de S. Paulo, 1991, p. 69)

Ainda de acordo com o Novo Manual de Redação da Folha de S. Paulo (1996) a legenda fotográfica deve atender à curiosidade do leitor, que deseja saber o que ou quem aparece na foto. Na legenda da foto acima, é usada a expressão “pessoas vestidas como Black Bloc”, o que, para o leitor da reportagem, pode parecer que os Black Blocs não são

manifestantes, mas sim pessoas fantasiadas ou ainda que há gente infiltrada na manifestação para confundir e denegrir a imagem dos Black Blocs.

Figura 3: Trecho da reportagem referente à pesquisa realizada

A onda de protestos realizada pelo país tem o apoio de 81,7% da população, segundo pesquisa de opinião divulgada nesta quinta-feira (7) pela CNT (Confederação Nacional dos Transportes) em parceria com o instituto MDA.

Fonte: Portal Uol

Podemos observar que a reportagem seguiu mostrando que a maioria dos entrevistados não aprova a tática dos Black Blocs e considera suas ações não legítimas. É possível ver nesses trechos, a presença da vertente de esquerda da Teoria Instrumentalista do Jornalismo, conforme Traquina (2005) e Pena (2007).

Para Traquina (2005), é uma teoria de ação política, em que o conteúdo noticioso é visto como instrumento que trabalha a favor de determinados interesses políticos. “Na versão de esquerda, os media noticiosos são vistos como instrumentos que ajudam a manter o sistema capitalista; na versão de direita, servem como instrumentos que põem em causa o capitalismo” (TRAQUINA, 2005, p. 163).

De acordo com Pena (2007), as duas versões da teoria trabalham com pressupostos bem marcados.

Enquanto uma defende que o papel da imprensa está reduzido à função de cumpridora de ordens patronais, a outra acredita que os jornalistas têm o controle sobre a notícia e estão dispostos a influenciar o noticiário com a defesa de suas ideias (PENA, 2007, p. 149).

Os dois autores citam que na versão de esquerda da teoria, é defendida pelo linguista, filósofo e ativista político norte-americano Noam Chomsky, e a versão de direita é defendida por autores como Robert Lichter e Stanley Rothman.

É nítido o uso da vertente de esquerda Teoria Instrumentalista, pois uma única fonte citada em toda a matéria, ou seja, a CNT, que embora fonte oficial não legitima por completo o contexto. Em nenhum momento, o Portal UOL se preocupa em ouvir o outro lado, ou seja, os black blockers.

Segundo o Manual de redação da Folha (1996), as matérias visam mostrar um ponto de vista crítico sobre a realidade, dando diferentes versões sobre um mesmo acontecimento.

O jornal não existe para adoçar a realidade, mas para mostrá-la de um ponto de vista crítico. Mesmo sem opinar, sempre é possível noticiar de forma crítica. Compare fatos, estabeleça analogias, identifique atitudes contraditórias e veicule diferentes versões sobre o mesmo acontecimento. A Folha pretende exercer um jornalismo crítico em relação a todos os partidos políticos, governos, grupos, tendências ideológicas e acontecimentos (MANUAL DE REDAÇÃO FOLHA DE S. PAULO, 1996, p. 73).

Há uma contradição entre o que defende o Manual da Folha e como o Portal UOL, também pertence ao grupo Folha de comunicação, veicula as notícias. Não há na reportagem preocupação em apresentar os diferentes aspectos e versões. Quando se fala de Black Bloc, ouve-se apenas um lado da história, ou seja, os detentores do poder instituído. Tal ação limita a interpretação do leitor, reforçando preconceitos. É como dizer que o manifestante não merece ser ouvido, pois é criminoso, está fora dos padrões convencionais de normalidade instituídos socialmente.

Figura 4: Trecho da reportagem que discorre sobre o resultado da pesquisa e, ao lado, há curta explicação sobre Black Bloc

No entanto, a grande maioria condena a ação dos chamados "black blocs", grupos de mascarados que realizam depredações durante os protestos: 93,4% não concordam com as ações deles durante as últimas manifestações de rua no Rio de Janeiro e em São Paulo.

No entendimento de 91,5% dos entrevistados, a maneira de se manifestarem não é legítima. Apenas 6,7% concordam que são válidas.

ENTENDA O BLACK BLOC

O "black bloc" ("bloco negro") não é um grupo específico de manifestantes, mas sim uma forma violenta de agir adotada por manifestantes que se dizem anarquistas.

A tática "black bloc" consiste em "causar danos materiais às instituições opressivas". Na prática: depredar estabelecimentos privados --agências bancárias entre eles-- e pichar paredes.

Fonte: Portal Uol

O box ao lado do corpo da reportagem, apresenta breve explicação sobre a tática, porém o texto é tendencioso ao afirmar que os Black Blocs “não são um grupo específico de manifestantes, mas sim uma forma violenta de agir”. Novamente estão descaracterizando os adeptos da tática como manifestantes. A forma como essa curta explicação foi redigida mostra o desconhecimento e preconceito. As aspas utilizadas no Jornalismo para marcar o discurso direto são utilizadas, porém não há menção à fonte que concedeu as informações.

Segundo Dupuis-Déri (2014, p.23), a imagem dos Black Blocs sempre foi distorcida pelo ódio e o desprezo de seus críticos, como políticos, jornalistas, policiais, porta vozes de organizações entre outros.

Figura 5: Trecho da matéria que cita pesquisa feita pelo Datafolha

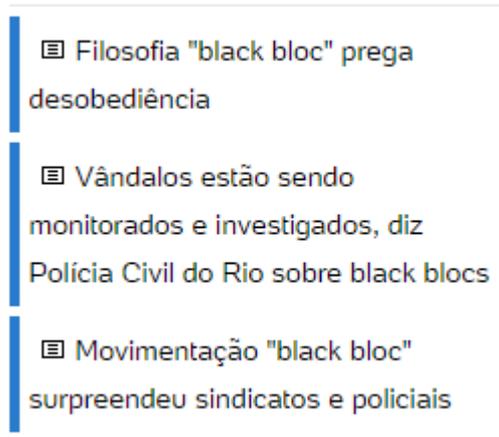
Pesquisa Datafolha realizada em outubro apenas na cidade de São Paulo mostrava que menos do que 95% dos paulistanos desaprovam a atuação desse grupo.

Fonte: Portal Uol

A reportagem, que citava, inicialmente, a pesquisa da CNT com o instituto MDA, criado e conveniado pela Universidade Federal de Lavras (UFLA), mostrou apenas o dado estatístico geral para representar ao comportamento da comunidade e já trouxe outra pesquisa, realizada pelo Datafolha, em São Paulo. Não houve preocupação em detalhar a pesquisa CNT/MDA e seus parâmetros e nem a técnica de aplicação. Tal superficialidade no tratamento de dados aponta novamente para a Teoria Instrumentalista na versão de esquerda, defendida por Traquina (2005) e do Pena (2007). A reportagem direciona, por meio dos dados apresentados, que os black blockers são perigosos e odiados pela comunidade, pois são diferentes e colocam a ordem e o poder instituído em risco. Vale a pena observar ainda a falta de cuidado com as informações. Um dos trechos da matéria contém o hiperlink: “menos de 95% dos paulistanos desaprovam a atuação desse grupo”. A publicação deixa uma dúvida sobre o percentual de satisfação. Pode-se interpretar que a citação foi uma tentativa de apresentar uma mudança comportamental impactada pela violência, ou seja, aqueles que aprovavam a tática em outubro, passaram a desaprovam em novembro do mesmo ano. De todo modo, menos de 95% pode ser 10% ou 90%. A imprecisão da informação apresentada pelo Portal UOL em nada contribui para que o leitor possa reconhecer a realidade. Parece, novamente, uma justificativa para mostrar a insatisfação da comunidade com os black blockers.

Ao lado do corpo da reportagem tem uma sequência de três links de matérias relacionadas ao Black Bloc, que contém o uso de termos pesados como “prega desobediência” e “vândalos”.

Figura 6: Links de outras matérias ao lado do corpo da reportagem



Fonte: Portal Uol

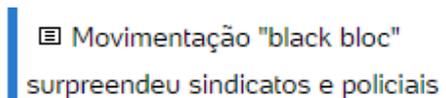
Por esses títulos, percebe-se com são matérias tendenciosas, assim como a matéria em análise.

Quando um Black Bloc entra em ação, a resposta da mídia costuma seguir um padrão típico. Na mesma tarde ou na manhã seguinte, os editores, colunistas e repórteres falam mal dos arruaceiros dos Black Blocs, chamando-os de *vândalos* (DUPUIS-DÉRI, 2014, p. 20).

A matéria termina indicando como foi realizada a pesquisa.

Figura 7: Trecho da reportagem que cita os dados da pesquisa

Na pesquisa CNT/MDA, de caráter nacional, foram ouvidas 2.005 pessoas em 135 municípios de 21 unidades da federação. A margem de erro é de 2,2 pontos percentuais com 95% de nível de confiança. A pesquisa foi feita entre os dias 31 de outubro e 4 de novembro.



☰ Movimentação "black bloc" surpreendeu sindicatos e policiais

Fonte: Portal Uol

A pesquisa de caráter nacional com apenas 2.005 pessoas ouvidas não reflete a opinião do brasileiro por mais que a amostra esteja distribuída em 135 municípios. Apenas o Estado de São Paulo, sozinho, possui 645 municípios, é quase o cinco vezes mais o número de municípios citado na pesquisa. Seria o mesmo que selecionar uma pequena parcela do estado de São Paulo e dizer que a pesquisa é de âmbito nacional. Pesam-se ainda as diferenças culturais e sociais do país que tornam o olhar diferente em cada região. Faz-se importante refletir como o agreste nordestino, tão distante dos grandes centro, palco das

manifestações dos Black Blocks recebem as informações. A angulação do texto tendencioso, desfavorece os manifestantes, que não tiveram voz em nenhum momento do decorrer da matéria e interfere diretamente na percepção do leitor acerca da tática.

CONSIDERAÇÕES

Com a análise, percebeu-se que a reportagem intensifica o desconhecimento sobre o tema Black Bloc. Um leitor, em qualquer canto do país, que não conhece as origens e as características da tática, tem uma visão negativa sobre os manifestantes, sem a oportunidade, sequer, de conhecer a origem, a ação e a ideologia da prática. Assim, percebemos, o peso da veiculação da informação distorcida e angulada. Percebemos como a prática pode impactar e para uma visão errônea da realidade. A Teoria Instrumentalista de visão de esquerda mostra-se presente em toda a matéria do Portal UOL, pois desde a divulgação dos dados até a alegação de que a maioria da população não considera as ações dos Black Blocs legítimas, aponta para a defesa dos interesses de quem está no poder, no caso a polícia apresentando a força do Estado. O direito à informação qualificada é aniquilado a partir do momento em que se distorce ou se angula um texto para favorecer determinados interesses. Faz-se importante refletir sobre a veiculação de informações e suas consequências, em especial, na prática do Webjornalismo, em que o deadline e a produção em escala desafiam o aprofundamento das temáticas.

REFERÊNCIAS

CALGARO, Fernanda. “**Brasileiros aprovam protestos, mas 93% rejeitam "black blocs", diz pesquisa**”. Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/11/07/maioria-aprova-protestos-mas-93-dos-brasileiros-reprovam-black-blocks-diz-pesquisa.htm#fotoNav=13>. Acesso em: 22 ago. 2015

CANAVILHAS, João. **Da pirâmide invertida à pirâmide deitada. Jornadas Jornalismo Online. Aspectos e tendências**. Universidade da Beira Interior. Portugal, novembro, 2005. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-webjornalismo-piramide-invertida.pdf>. Acesso em: 11 jul. 2015

DUPUIS-DÉRI, Francis. **Black Blocs**. Tradução de Guilherme Miranda. São Paulo: Veneta, 2014.

FOLHA de S. Paulo. **Novo Manual de Redação**. São Paulo, 1996. Disponível em: . Acesso em 20.set.2015.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 3. São Paulo: Ed. Atlas, 1991.

NOVAES, Willian. Parte 3: Os Manifestantes. **In: Mascarados: a verdadeira história dos adeptos da tática Black Bloc.** Esther Solano, Bruno Paes Manso. Willian Novaes. São Paulo: Geração Editorial, 2014.

PENA, Felipe. Teoria Instrumentalista. In: Teoria do Jornalismo. São Paulo: Contexto, 2007.

SOLANO, Esther. Parte 1: A Pesquisadora – Esther Solano Gallego. **In: Mascarados: a verdadeira história dos adeptos da tática Black Bloc.** Esther Solano, Bruno Paes Manso. Willian Novaes. São Paulo: Geração Editorial, 2014.

TRAQUINA, Nelson. As teorias de ação política. **In: Teorias do Jornalismo.** Florianópolis: Insular, 2. ed, vol. 1, 2005.

UOL. **História (Acervo de páginas).** [199-]. Disponível em:<http://sobreuol.noticias.uol.com.br/historia/album/paginas_album.jhtm#fotoUOLNav=1> .Acesso em: 10 jan. 2015

UOL. **Brasil tem mais de 204 milhões de habitantes, diz IBGE.** 28 agost 2015. Disponível em:<<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2015/08/28/brasil-tem-mais-de-204-milhoes-de-habitantes-diz-ibge.htm>> .Acesso em: 10 jan. 2015